

# DELICADAS

um conto de Moa Sipriano

---

Moa Sipriano

MOASIPRIANO.COM

# 1 minuto

---

da sua atenção...

Se você por acaso curtiu minha presente obra e quiser colaborar financeiramente apoiando meu trabalho, seria um ato muito bacana de sua parte. Hoje vivo exclusivamente daquilo que escrevo.

Mas, antes de colaborar, tenho algo importante pra te dizer:

Todos os artigos, contos e livros digitais (*ebooks*) contidos em meu site são de minha autoria e **estão disponíveis de maneira totalmente gratuita**. No entanto, se você quiser contribuir espontaneamente para a continuidade da produção literária exposta em **moasipriano.com**, poderá depositar o valor que achar justo na seguinte conta-poupança:

**Caixa Econômica Federal (CEF)**

**Agência 2209**

**Conta Poupança (13): 34097-2**

Qualquer tipo de ajuda será bem-vinda e, antes de tudo, vista como um sinal de **gratidão e reconhecimento à proposta desse projeto**.

Por favor, **você não é forçado a nada!** E muito obrigado, de coração, por ser meu fã, me apoiar e curtir este projeto literário pioneiro no país.

Se você quiser usar essa obra, saiba que tudo o que escrevo está sob uma licença **CREATIVE COMMONS**. Na página seguinte são listados todos os direitos e deveres caso você pretenda utilizar meu texto para algum fim artístico.

Boa leitura!



## Creative Commons License Deed

---

Atribuição-Uso Não-Comercial-Compartilhamento pela mesma Licença 2.5 Brasil

### Você pode:

copiar, distribuir, exibir e executar a obra



criar obras derivadas

### Sob as seguintes condições:

**Atribuição.** Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

**Uso Não-Comercial.** Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

**Compartilhamento pela mesma Licença.** Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.
- Nothing in this license impairs or restricts the author's moral rights.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use") concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados pelo disposto acima.

Era a quinta vez na semana que aquela visão tumultuava meus sentidos. Impossível não notar o velho homem sentado no mesmo banco de ardósia, na mesma pracinha, na mesma hora, ali, indiferente, bem ao lado da floricultura.

Em mais um dia de rápidas observações, pude notar que o distinto senhor moribundo trajava a mesma camisa xadrez em tons e linhas que variavam entre o cinza, o marrom, o vinho e o branco. Por sobre a camisa de flanela havia um pulôver ancestral, caro, confeccionado em pura lã, também num tom cinza dessa vez um pouco mais forte, puxando mais para um chumbo velho, gasto, entristecido.

A calça de veludo mesclava o tom negro original do tecido com enormes manchas esbranquiçadas bem demarcadas na altura dos joelhos, indicando a lástima vivida em dias de lamúria e solidão, sempre vagando por caminhos ignorados, deixando-se raspar em qualquer pedaço de asfalto frio enquanto o corpo tentava em vão repousar durante madrugadas vazias.

A pele enrugada nas dobras daquele corpo inerte denunciavam que seu proprietário não vivera uma existência benfazeja. O detalhe da carne morta gritava com o contraste emanado pela vivacidade das marcas esculpidas no rosto do homem.

Um rosto rúbeo talhado à navalha, onde linhas retas e rígidas sustentavam olhos vítreos cristalinos, moldados em duas gotas da mais pura esmeralda; olhos que certamente haviam visto de tudo, presenciado cenas marcantes. Era palpável a quantidade de imagens tristes que os últimos instantes de sua caminhada podiam revelar a quem tivesse sensibilidade de captar a essência das coisas.

Aquele homem poderia ter passado despercebido, fundindo-se com a paisagem local sempre caótica, no para lá e para cá de todo mundo correndo para alcançar todo mundo que não quer ser alcançado por todo mundo.

Mas o homem não tinha como não ser notado. Estávamos em pleno verão loveano. Suas mãos enluvadas por grossas tiras de couro que um dia foram luvas finas, e seus trajes em flanela e veludo desconfortantes denunciavam que algo não estava correndo no trilho certo.

No seu silêncio involuntário, aquele senhor gritava por socorro e implorava ajuda amiga para que qualquer coisa que ainda restava de humano dentro de si fosse resgatada a todo custo de uma demência premeditada.

Era o quinto dia, a quinta tarde. E foram cinco minutos decisivos que me trouxeram coragem de abordar aquele estranho numa sexta-feira pouco depois do meu expediente, quando eu tinha certeza de que cruzaria com a figura enigmática sentada no mesmo banco de ardósia, na mesma pracinha, na mesma hora, ali, indiferente, bem ao lado da floricultura, próxima ao meu local de trabalho.

Entre uma tesourada e outra, dediquei boa parte do dia quebrando a cabeça para resolver as artimanhas da contabilidade pendente do meu pequeno estabelecimento comercial: ainda o embrião do que seria um dia o grande salão de beleza só para homens.

Há cinco anos, oito meses e dois dias tenho me dedicado com afinco na arte e na trabalhadeira hercúlea de dar forma, volume, brilho, cor, vitalidade, saúde e beleza aos fios rebeldes e maltratados dos pescadores e demais nativos machos da ilha.

Meu salão é o único lugar de Lovland onde praticamente todo homem se entrega aos cuidados de um homossexual bem resolvido sem qualquer traço de receio ou preconceito.

O sucesso foi conquistado com muita labuta, paciência e, acima de tudo, respeito e carinho pelos meus outrora desconfiados clientes.

É engraçado imaginar as caras e bocas que todos faziam no começo ao sentar pela primeira vez na minha cadeira giratória de ferro cromado e couro macio.

Vermelho, sempre vermelho!

E de repente serem “tocados” por um macho magricela de traços delicados, um tanto afetado, e sentir seus pelos salpicados, aparados e muitas vezes embebidos em aromáticos cremes rejuvenescedores que faziam maravilhas nos fios tortuosos que eles chamavam de “cabelos” ou “barbas”.

Com o passar do tempo, principalmente quando havia algum baile ou qualquer outro evento de cunho social na ilha, todos os machos corriam para o “salão do Andreas”, loucos para ficar com o visual tinindo de “lindos”, afim de ampliar uma enormidade suas chances com as garotas e seus sexos fáceis e certos.

Cada cliente que frequentava o salão não ganhava apenas um corte ou um trato intenso na cabeleira rústica. O que fez minha fama (além de realmente deixar meus homens mais atraentes) foram os conselhos amorosos e as dicas quase sempre infalíveis torpedeadas por mim, ensinando a arte óbvia de como se conquistar essa ou aquela guria do momento.

Afinal, era corriqueira e presente a crença de que todo gay carrega duas almas em uma: o feminino e o masculino arraigados dentro de si, o que nos proporciona o dom do conhecimento supremo sobre todos os mistérios da mulher.

Somente quem optou em ser homem-mulher-homem é capaz de conhecer em profundidade todas as nuances da alma humana. Esse é o privilégio de uma conquista galgada entre inúmeras passagens por essa terra coroada de oportunidades únicas de doce evolução.

Na intimidade, no meu clube do bola magra (onde mulher não entra nem pra dar “bom dia” - *brincadeira!*) eu sempre me divirto à beça com meus comentários e acertos.

Já perdi a conta de quantos e quantos casais se uniram na ilha por obra e graça das minhas *valiosas* dicas sentimentais. E tudo isso muito antes de eu me firmar como um bom cabeleireiro.

Eles me idolatram. Elas me adoram. Todos me respeitam. Simples assim!

Todo mundo sabe, na teoria, o que deve ser feito. Mas são poucos os que têm coragem e determinação de fazer o que deve ser concluído a contento.

A vida é uma sucessão de fragmentos de obviedades. É pena que muitos se acomodam nas barbas da Dona Mediocridade e se escondem atrás da Senhorita Ignorância com medo de encarar de frente a opulência da Felicidade, essa garota cigana, dourada e faceira, sem rumo, nem prumo.

Sexta costuma ser um dia cheio e corrido. Mas como não era época de pagamentos públicos, nem temporada e não haveria nenhum evento festeiro naquele fim de semana específico, tive a chance de executar meu último corte pouco antes das seis.

Fechei o salão e corri até a floricultura dos Petry. Eu precisava me inebriar com a essência das flores. Eu almejava por alguns minutos de meditação e serenidade enquanto pudesse desfilas entre as cores e texturas das inúmeras espécies florais da grande casa de vidro e madeira do outro lado da agitada rua Reimann.

“Oi Heitor. Já fechando?”, perguntei, esbaforido, três minutos antes do encerramento de tudo.

“Oh, sim, Andreas *lindinho*. Preciso voltar logo para casa. Hoje é noite de novena, tenho que preparar algo para receber as carolas, você sabe”, disse o garoto cabelo de cenoura, entre um sorriso furtivo e um olhar tímido derramado diante de um grande vaso carregado de crisântemos.

“Você deseja algo em especial? Humm, deixe-me ver... talvez queira que eu lhe prepare um bonito arranjo, como aquele do dia do seu aniversário de menina solitária?”, continuou Heitor, sempre prestativo, gentil... e sarcástico. “Quantos anos *sem dar uma* mesmo?”

“Engraçadinho. Na verdade, *senhorita* Petry, eu preciso apenas de uma única informação”, eu disse, enquanto caçava com meu olhar atento além das grandes vidraças, buscando entrever meu maior abandonado.

“Você por acaso reparou num senhor todo enfiado em roupas de frio, que permaneceu durante essa semana calorenta por horas e horas sentado, sozinho, ali na pracinha?”, emendei a frase num falsete meio afoito demais pro meu gosto.

Heitor caminhava e conferia o fechamento de cada janela, tudo no ato automático, e de repente começou a rir do meu súbito interesse no desconhecido.

“Não vá me dizer que você *quer dar* pro velhote!”, gargalhou Heitor, simulando trejeitos bambeesticos nada discretos.

“Não é isso, seu tonto!”, eu disse, encarando o absurdo com bom humor. “E não se esqueça, caralho... que eu sou bam-*bee*-combustível, *queridinha!*”, retruquei, estalando os dedos.

“Você sabe que Lovland é um ovo. Todo mundo conhece todo mundo. Mas eu nunca vi esse sujeito, apenas fiquei encafifado em vê-lo todos esses dias por ali, com esse ar pesado de tristeza e abandono derradeiro por sobre seus ombros. Sei lá... de repente me deu vontade de ajudar, de fazer algo... não sei”, revelei minhas reais intenções com sinceridade.

“Hãhã... eu compreendo, Andreas. Bom, o velhote ficou a tarde toda sentado bem ali”, disse Heitor, apontando o dedo em direção ao centro da praça. “Pelo que eu pude perceber, ele passou um montão de tempo de cabeça baixa, lendo um livro que parecia ser uma bíblia qualquer, sabe-se lá que versão inventada agora pelo homem”, ele riu, meio sem graça, pronto para começar mais um debate inútil sobre Religião versus Verdade.

Respondi apenas com um “hum-hum” pela dica concedida. Rodopiei por alguns segundos defronte o grande balcão em granito. Na base do *uni-duni-tê*, depois de um tempo absurdo acabei finalmente escolhendo um delicado vazinho de lata pintado de verde musgo, onde em seu interior havia uma fartura de minúsculas flores multicolor frescas, luminosas e divinamente cheirosas.

Não querendo dar o braço a torcer pela minha total ignorância floral, fiz um ar arrogante do tipo que conhecia à fundo minha recente aquisição, estampando uma falsa e patética cara de entendido perante meu amigo impaciente, que na mesma hora me cumprimentou pelo meu bom gosto apurado.

“Parabéns. Bela escolha, meu caro Andreas. É para você?”, questionou meu amigo florista, mesmo já sabendo a resposta.

“Na verdade não. Digamos que seja um presente. Vamos ver se essa obra de arte natural é capaz de transformar uma dor medonha num bonito sorriso... nesta noite”, adiantei-me na confirmação da suspeita do meu amigo mais do que antenado na minha sintonia de amor fraternal.

“*Jeovaogum* eterno, *ela vai dar* para um sem-tudo!”, gritou Petry, diante das minhas garras *volverinianas* prontas a degolar um incauto pescocinho.

“Está certo. Acho que ele vai gostar. Seu gesto fará bem ao pobre velhote”, disse Heitor, embalando em celofane e arrematando tudo em fitas azuis e douradas o meu bonito presente. “Se eu tivesse coragem de abordar assim um estranho, como você está prestes a fazer... nossa, na verdade... eu invejo tua atitude, *migaaa!*”

“Hoje eu só quero que o dia termine bem...”, cantarolei, vagamente emocionado, pois algo muito forte crescia dentro de mim e uma voz interior como que me empurrava, coiceando-me, incentivando meu humilde ato de solidariedade.

“Quanto lhe devo?”, perguntei a Heitor, que ajeitava com maestria laços e firulas cintilantes, dando os últimos retoques que resultaram num magnífico presente montado com carinho.

“Não é nada. Pode levar. Deixe-me contribuir com um pedacinho perfumado e colorido desta lasca de esperança... para que essa possível história vindoura tenha ao menos um breve toque de felicidade”, comentou Heitor, arroxado de vergonha, não acreditando no que acabara de dizer em sereno e bom tom bem na minha frente.

Ao sair da casa de vidro, precisei desesperadamente disfarçar minhas lágrimas de apreensão e minha cara apalermada pelo que eu estava prestes a realizar. Eu não queria chegar perto do sujeito como que voltando de um enterro.

Caminhando a passos ridículos de tão curtos, quase que arrastando minhas longas pernas brancas demais, eu procurava um jeito de compreender minhas atitudes e o que me conduzia ao encontro não programado.

Havia um medo insano se apossando do espaço entre meu mamilo esquerdo e meu coração. O receio de ser esculachado em praça pública travava ainda mais meu andar vacilante.

Que alívio constatar que não havia quase ninguém no lugar naquela hora.

A famosa Praça da Paz localizada bem no meio de Lovland é constituída dos seguintes elementos cênicos: ao centro, uma enorme escultura do conquistador da ilha em 1832, Peter Schwarz; uma série de bancos em ardósia em volta do homem de bronze, formando um círculo perfeito sobre o piso de tijolos rústicos em tons acobreados; uma trilha natural de coqueiros, pinheiros e araucárias fincados pelo Criador num arranjo sublime, estranho e para muitos inconcebível, numa beleza que até hoje encanta e encuca a todos os passantes, onde essas árvores frondosas traçam o caminho que conduz os transeuntes a um bosque de mata fechada, que por sua vez desemboca na mais bela praia da ilha, Gobsun.

Ele estava lá, sentado no oitavo banco, sozinho, onde um olhar triste parecia buscar o alívio divino ao contemplar por tempo infinito a fachada monumental da igreja de São Crabedean, padroeiro de Lovland.

A poucos metros do velho homem, apenas um casal de adolescentes trocava selinhos de amor ficante, passageiro. E um pouco mais adiante, do nosso lado esquerdo, havia algumas crianças disputando uma partida de bolinhas de gude numa grande caixa de areia, cena que me turvou o olhar manchado de lágrimas pendentes, recordando-me uma infância feliz, porém solitária.

Eu adorava jogar bolas de gude. Era a chance que eu tinha de ser alguém no seio da molecada.

Inspirei o ar tépido da noite vazia, firmei o passo e aprumei a postura, seguindo confiante o meu destino, usando como proteção bem diante do peito a tal latinha florida que poderia me salvar de mim-eu-mesmo. Ou não.

“Oi. Ocupado?”, perguntei, querendo morrer e ser chupado para o centro da terra imediatamente após proferir tamanha bobagem.

“Oi”, disse o velho, com a voz empastada.

“Toma. É pra você!”, despejei de bate-pronto o meu pacote sobre o homem, numa atitude ansiosa, amadora, fora de contexto. Eu não sabia como agir e não tinha ideia do que fazer a seguir.

“Flores... pa... ra mim? Quanta gentileza”, gaguejou o velho, ligeiramente confuso por causa do meu ato destrambelhado.

“Posso me sentar ao seu lado?”, questionei, um pouco mais seguro, tentando me concentrar em cada passo, em cada palavra.

“Claro”, ele respondeu, enquanto acariciava as fitas azuis e douradas do bonito arranjo.

Ficamos em silêncio por longos trinta e sete segundos. E o embaraço foi cortado por um:

“Muito obrigado pelas flores. São lindas. Posso abrir o arranjo para sentir o aroma das pequenas?”, perguntou o velhote, dessa vez estampando no semblante um ar quase infantil.

“Ah, sim. Claro. Por favor, faça isso!”, respondi, tentando buscar confiança em algum lugar no meu interior abalado.

“Meu nome é Kauer. Johann Kauer”, disse o velho, ainda tímido, mas afoito em desatarraxar os laços que Heitor havia moldado com tanto esmero.

O moribundo se divertia, como a desembulhar o primeiro presente de Natal. Fiquei ali, por um tempo longo demais, apenas contemplando a cena, feliz por vislumbrar um traço de sorriso que pespontava naqueles lábios outrora amorfos.

“Que perfume. Puxa. Que perfume!”, disse Kauer, agora radiante, segurando o arranjo com uma das mãos, enquanto com a outra limpava a palma rugosa na velha calça de veludo, buscando meu cumprimento logo em seguida. “Muito obrigado. Muito obrigado... mesmo... pelo presente. Que flores são essas?”, Kauer me questionou, e seus olhos claros imploravam uma resposta sincera.

“Não tenho a mínima ideia”, respondi, buscando um tijolo solto sobre o piso que eu pudesse arrancá-lo e enterrar minha cabeça aloirada debaixo da areia fofa.

Kauer simulou um ar sério, decepcionado, que perdurou por poucos segundos. E sua máscara despencou em seguida, dando cores a um rosto luminoso, espocando em gargalhadas deliciosas.

Permanecemos bons instantes a nos derretermos em risos revigorantes, onde o gelo – aleluia! – também fora derretido por completo, dando passagem ao princípio de uma conversa reveladora.

“Qual é a sua história?”, perguntei a Kauer, com um ar sério, mas embebido em carinho e compreensão.

Johann Kauer, o velho, inspirou um pouco mais do perfume das suas flores sem nome, talvez para buscar forças em revelar o que deveria ser despejado de uma só vez, aliviando assim sua alma pesada e contida.

“Foram dezoito anos de um relacionamento de sonhos. Sabe, aqueles que só dão certo em folhetim ou num romance B reprisado pelo Canal 5 na madrugada. Ludwig, *Lud*, apareceu na minha vida numa tarde comum, numa tarde em que eu gastava umas economias na compra do meu primeiro carro, um VW.

“E lá estava o moreno. Novinho e novato. Prestativo. Simpático. Profissional. Levei quarenta minutos para me decidir sobre a compra, numa concessionária em Downie. E logo após assinar o cheque, quando enfim pude sentir o calor e reparar na textura da mão do vendedor tão amável, percebi que estava apaixonado. Perdidamente apaixonado.

“Nervoso e atrapalhado, pedi para que Lud providenciasse o envio do veículo à minha residência aqui na ilha. É claro que ele mesmo tratou de levar meu carro ao seu destino final,

dois dias depois. Um café, dois cigarros, muitos sorrisos, diversos cumprimentos, um leve agradecimento e, enfim, a coragem do pedido formal de namoro, que foi aceito sem ressalvas.

“Aos quarenta e dois, após treze anos de solidão, foi me envolvendo com um garoto de dezoito anos que tive a chance de encontrar o Amor. E vivi esse amor em harmonia, em toda sua plenitude, como num sonho perfeito que só acabou com a passagem do meu amado... para o mundo... real... lá em cima!”, disse Kauer, engolindo com dificuldade seu desespero.

Num ato mecânico, tomei o velho homem em meus braços, cobrindo seu rosto suado com minhas mãos finas, delicadas, frias. Retirei de sua frente os quebradiços cabelos prateados, que pareciam querer se desmanchar entre meus dedos.

A brisa, na noite adentro, envolvia nossos corpos, transportando-nos como por encanto para um ponto além da dor, além do insuportável.

“No decorrer da nossa felicidade, durante anos fui passando aos poucos todos os meus bens em nome de Lud. Imaginava assim garantir sua segurança, seu conforto, seu futuro quando eu viesse a partir, seguindo a lógica da Natureza.

“Mas, ironia maldita das ironias, Lud, trinta e seis anos, partiu correndo antes de mim. Um cruzamento, um sinal vermelho desrespeitado, Lud *chapado* pela primeira vez na vida, em decorrência do sonho em adotarmos uma menina. Um sonho que parecia se concretizar após milênios de lutas contra a *burrocracia* e o preconceito. Apenas um *OK!* do Grande Homem da Lei e nossos anseios finalmente encerrariam seus expedientes. Lud estava feliz, feliz e louco de vontade de voltar para nossa casa, onde comemoraríamos a nossa penúltima vitória.

“Mas ele bebeu. Ele entornou tudo ainda em Downie, feliz, feliz, feliz. Do bar, ele me ligou, radiante. Apenas pedi para que ele viesse o mais rápido possível para casa. E ele veio, rápido demais. Passou a ponte. Virou à esquerda. Esqueceu que havia um cruzamento, que havia um semáforo, que havia um sinal vermelho. Ele passou, ele ignorou o básico, o essencial. Ele passou... reto... e o nosso VW foi massacrado por um caminhão que dilacerou o lado do motorista do carro. Meu motorista. Meu homem. Meu Lud. Morto!”

Johann Kauer, o velho, em seu relato calcinante acabara de perder no semblante mais vinte anos por causa daquela ferida recém aberta. Ele chorava, seu corpo tremia, os vincos da depressão se pronunciavam cada vez mais profundos enquanto ele relatava sua tragédia. Eu engolia o pranto, pois precisava demonstrar uma força que eu não tinha.

O filme do acontecimento passou pela minha mente conturbada. Eu e Petry havíamos lido no jornal local todos os detalhes do cretino acidente. A notícia ainda rendia horas e horas de papos furados nas mesas de bar. Quem era o culpado? Quem era o inocente? Besteiro! que não traria Lud de volta.

“Sabe, meu rapaz, Lud e eu éramos muito caseiros, discretos, raramente vistos juntos por ai, entende?”, disse Kauer, lendo meus pensamentos. “Nossa vida social sempre fora vivida além da ponte, em Downie.

“Meu mundo fora devassado pela ausência física de Lud em minha vida. Mas o pior viria à cavalo, literalmente. Lothar, o irmão mais velho de Lud – que, por sinal, me odiava desde sempre – apareceu em minha casa poucos dias após o fim de tudo. Ele veio acompanhado de um homem com ar severo, que cheirava a encrenca. Vinte minutos de conversa, nada de café, mas envoltos em quilos de nuvens de cigarros malditos, meu destino fora traçado, selado, sepultado.

“Perante um calhamaço de papéis infames, o homem severo despejou sobre mim tudo aquilo *que eu não mais tinha direito de nada*. Assim mesmo, falando desse jeito. Nada era meu. Nada me pertencia. Tudo era de Lud. E seu esperto irmão cowboy de merda afirmara que tudo agora era *dele* e de sua família.

“Trinta dias fora o prazo. Nada poderia ser retirado, a não ser alguns pouco pertences que realmente podiam ser considerados meus... tudo desovado no interior daquela mochila...”

Fiquei atônito diante dos fatos absurdos. Johann Kauer tinha direitos. Nada podia ser resolvido assim, *pá-pum-bola!* A puteza dentro de mim crescia tamanha, que o ódio também galopava à cavalo, e minha vontade era de pular no pescoço de Lothar e seu advogado do diabo, gastando minhas unhas manicuradas em dilacerar suas carnes pútridas.

“Eu sei o que você está pensando. Mas, por favor, não se preocupe. Eu não quero enfrentar nenhuma batalha contra a família de Lud. Nada para mim tem mais sentido. Não há forças, muito menos qualquer indício de disposição para nadar contra a corrente de homens selvagens, desonestos, gananciosos. Desde então, o que faço é caminhar pelas nossas praias, tendo o orgulho de vestir essas roupas gastas; roupas que um dia usei para sair e comprar um carro... e acabei com um bom carro na mão e um homem maravilhoso na minha cama... por dezoito anos.

Kauer inspirava o perfume das flores. Seu olhar permanecia vidrado nos vitrais da Grande Igreja.

“Sabe, meu rapaz, Lud e eu sonhávamos em casar no interior de São Crabedean. Já imaginou se isso fosse possível? Ainda mais em Lovland? O mundo seria tão diferente...”

“Uma vitória que um dia vai se concretizar, eu acredito nisso... mas, claro, não no seio dessa Igreja...”, afirmei, resoluto.

“A Igreja nada importa. A fé que nós carregamos dentro de nós mesmos é o que vale. Se eu tenho a oportunidade de ser abençoado pelo Criador, para que me preocupar com aqueles que

juram achar que são seus subordinados diretos?”, continuei, buscando dentro de mim um sorriso sarcástico mais do que perfeito.

“Benta, Benta, Santa Bentaaaa!”, dissemos em uníssono. E rimos feito loucos da nossa sincronia de pensamentos, ironizando quem se julga acima do universo colorido. Universo esse que sustenta os alicerces da Igreja que *ele* preside.

Afinal, a base da Igreja é *alegre*, pode apostar!

Eu não podia deixar Johann abandonado em praça pública. Aquele homem frágil, cheirando a suor, “asarrô” e sal, definhando a olhos vistos bem diante do meu olhar estupefato, procurando abandonar sua vida terrena em prol de uma morte obscena e solitária.

“Não, definitivamente... não!”, eu gritei, quase histérico. “Eu, Andreas Bast, não vou permitir que você se entregue assim... não mesmo!”, vociferei.

Johann Kauer, o velho, nem um pouco espantado diante do meu *show* das vinte horas, apenas sorveu um pouco mais do perfume das Delicadas, ignorando solenemente minha bambeesteria.

“Certo ou errado, quem sempre decide nosso destino somos nós mesmos”, disse Kauer, enquanto espreguiçava os músculos agora flácidos pela dor. “Você, meu Andreas, teve a nobre atitude de ouvir um velho decrépito que almejava apenas isso: ser ouvido por alguém.

“Nessa hora, hora e meia, pude expurgar aquilo que me corroe o espírito. E suas flores, seu presente tão sensível, foram um bálsamo final a acalantar por uns instantes essa minha fogaosa depressão”, sussurrou a voz da experiência.

“Eu não vou deixar você morrer, seu velho idiota”, eu disse, sem me preocupar com a enxurrada que descia pelos meus olhos esbugalhados. Eu tremia diante do que eu pressentia acontecer.

“Fique tranquilo, Andreas. Eu não vou me matar. Não posso matar aquilo que já não tem mais vida!”, disse Kauer, segurando minhas mãos hesitantes. “Por favor, deixe-me ficar aqui sozinho. Deixe-me contemplar um pouco mais esses vitrais tão lindos... o Cordeiro de Deus... cabritinho tão meigo!”

Não pude deixar de desferir uma última e gostosa gargalhada pelo comentário afetado daquele homem lesado.

“É assim que eu quero guardar tua lembrança. Deixe-me na companhia das Delicadas, do meu presente, das minhas flores. Deixe-me fechar os olhos e guardar nas minhas retinas

esse teu sorriso tão gostoso, que me fez tão bem...”, sussurrou, mais uma vez, o velho homem cansado.

“Enten... di o rec... cado”, eu disse, soluçando, tentando tomar as rédeas do meu autocontrole. “Pelo menos fico feliz em saber que minhas Delicadas te fizeram... bem!, conclui a frase que imaginei de um jeito e falei de outro.

Cinco. Seis. Sete dias... sei lá... se passaram após aquela noite. A despedida fora algo um tanto formal demais pro meu gosto. Trocamos um breve aperto de mãos e um longo abraço. Não resisti, claro, e tasquei um beijo no meu velho moribundo. Um beijo seco num rosto que parecia coberto de escamas, onde um princípio de uma barba espessa tomava forma rapidamente, afim de apagar ou atenuar as marcas do desespero de um homem que havia se esquecido de viver, desligado o plugue, cortado o cordão universal.

Naquela rotineira semana de trabalho foram poucas as ocasiões em que torpedeei meus clientes com frases de apoio para suas conquistas em seus sonhos de encontros com a princesa encantada.

Eu só pensava e pensava e temia não ter dado o máximo de mim-eu-mesmo para apaziguar o sofrimento daquela alma abandonada, vagando incógnita pela Praça da Paz.

A praça em que eu cruzava todos os dias seu diminuto território. E olhava, por vezes cabisbaixo, tentando disfarçar minha angústia à procura daquele corpo de carnes flácidas que cheirava uma mistura de sal, suor e perfume importado.

Não havia resquícios da sua passagem pela minha existência.

Que sandice presentéá-lo com um punhado de Delicadas coloridas. Flores *chinfrim* para um homem chinfrim. Baah! Deixa pra lá. Fiz minha parte. Consolei por algumas horas um coração aflito. E fim de caso.

Petry me ligou, atarantado, pedindo *pelamordedeus* que eu fosse até sua floricultura na hora do almoço. Eu sabia que era aniversário de sua mãe, Olga, e, com toda certeza, Heitor estaria subindo pelas paredes em seu famoso surto histérico durante os preparativos da festa surpresa (nada surpresa) que ele daria para a velha maluca depois do expediente.

“Ai, *migooo*... que bom que você veio. Você sabe, não é mesmo?”, disse Heitor, apalermado, dando os derradeiros retoques num imenso arranjo de flores brancas que bailavam sobre um

tubo de vidro transparente, onde algo parecido com gel azulado era enfiado dentro, sendo que conchinhas e pedrinhas e firulinhas adornavam seu interior, e toda aquela pantomima *petrystica* dava forma, cor e graça a mais uma produção espetacular, de tão simples e bela tudo ao mesmo tempo.

Aguardei com paciência o final do espetáculo criativo.

“Toma. Leve isso lá pro teu salão. Minha mãe não pode ver o presente antes da hora”, disse Heitor, me despachando sem piedade e sem maiores explicações.

No curto trajeto de volta ao meu santuário, me consumia de curiosidade em saber o motivo que levaria uma dondoca dona de floricultura querer ganhar um arranjo florido do filho herdeiro de uma floricultura!

“Gente estranha”, pensei alto, rindo das minhas baboseiras conspiratórias.

Seis e quinze. Havia passado da hora de fechar o salão. Eu, sentado diante do tubo de vidro cheio de conchinhas e flores brancas faceiras rindo da minha cara, aguardava as próximas instruções do meu espevitado amigo bambeestico.

O telefone tocou vinte e dois minutos depois. Atendi com um certo desconforto, pois não via a hora de despachar aquele ebó florido e voltar logo para o aconchego da minha pequena, arrumadinha e fofa *casinha* de bonecas.

“E ai... já abriu o cartão?”, disse, debaixo de um riso tosco, meu amigo florista.

“Você cheirou pólen demais, Petry”, eu disse, um pouco sonolento. “Você acha que eu teria coragem de fuçar em algo que pertence à sua mãe? Esqueceu como é a fera?”, esbravejei, olhando fixo para as flores brancas que continuavam a rir da minha cara lavada.

“É que eu queria saber tua opinião sobre a mensagem que escrevi pra ela, cacete!”

“Espere um segundo, vou pegar a porra do cartão, *lindinho*. Te ligo depois!”

Apenas estiquei um pouco o braço para alcançar o delicado envelope cor creme, onde o relevo do seu conteúdo interior me fez tremer um bocado, antes mesmo de ler a primeira palavra escrita numa impecável e luxuosa caligrafia.

*“Andreas, meu rapaz, como é possível um pequeno gesto ser capaz de mudar toda a trajetória de uma quase perdida existência? Numa noite de solidão e desespero, fui agraciado com o perfume e o colorido irradiante das minhas/suas Delicadas. Quando eu imaginava não ser mais digno de carinhos e atenção, um belo exemplar de estranho sentou-se ao meu lado e, sem nada exigir, apenas ofereceu a um pobre coitado alguns minutos de fraternidade. E ainda fui agraciado com um inesquecível presente, o qual agora, ao meu modo, procuro retribuir em sinal de agradecimento sincero por você ter salvado a minha vida de mim mesmo...”*

Eu queria gritar. Talvez mais, eu queria berrar pra todo mundo ouvir o timbalar incessante do meu coração aos trancos. Cheirei com gosto o leve perfume adocicado das minhas Delicadas e fui brindado com uma visão do Paraíso bem à minha frente.

Johann Kauer, o velho, agora barbudo e ainda mais belo, repousava seu rosto cansado no vidro do lado de fora, observando sei lá por quanto tempo todas as minhas reações diante de tão surpreso presente.

Abri a porta, abri os braços, abri as travas dos três cadeados que bloqueavam a passagem para o meu íntimo.

“Me aceite como seu fiel amigo”, disse Kauer, me cobrindo com um abraço irmão. “Me ajude a voltar a ser um homem centrado e feliz, apenas isso é o que te peço, Andreas”, implorou o velho, traçando o sinal da cruz com seu dedo indicador frio e rígido, bem na altura do meu coração duzentos e quarenta por hora.

“Eu aceito você em minha vida. E prometo fazer tudo o que estiver ao meu alcance para transformá-lo em um homem realizado”, respondi com um clichê embasado numa tremenda sinceridade.

“A minha casa será a *nossa* casa. Pedras no passado, vamos começar do ponto zero, exatamente como deve ser feito”, continuei, deixando as coisas claras desde o princípio de tudo.

Kauer buscou meus lábios, que aceitaram de bom grado um beijo úmido e doce que selava nossa parceria.

“Eu não sei se vou conseguir te dar o Amor por completo”, sussurrou o velho homem, entre lágrimas e beijos. “Mas prometo que...”

“Pare!”, eu disse, tapando a boca peluda com um beijo rápido. “Não faça promessas. Apenas se entregue aos meus cuidados e nós dois, juntos, encontraremos a fórmula do que pode vir a ser o *nosso* Amor... à nossa maneira.”

Johann Kauer, o velho, o novo hóspede do meu coração, baixou as guardas e relaxou seus prantos em meus braços inacreditavelmente fortes perante a nova situação revelada.

Amparado e seguro, Kauer inspirou, prendeu e soltou lentamente o ar cheirando a Loreal que infestava meu pequeno grande salão de homens que entravam monstros e saíam príncipes.

Morriam as palavras, sobravam as atitudes. Quase num sonho, como numa dança contemporânea, capitaneei o velho em direção ao meu trono de ferro e couro. Ainda em transe, minhas tesouras mágicas e minhas mãos bailarinas transformavam a fera em bela novamente.

Um rosto quase maroto, delicioso em sua sensualidade, surgiu radioso após a derrocada de barbas e cabelos empesteados pela dor, que jaziam disformes ao redor do meu trono romano.

Serviço feito, transformação completa, meu novo homem - um novo homem! - surgia para o mundo dos homens, agora limpo, agora refeito, agora preparado para o desenrolar de uma nova história.

“Vamos para casa. Você precisa de um bom banho e de...”

“Agora eu não preciso de mais nada, Andreas, meu rapaz”, disse Kauer, cortando minhas palavras maternais. “Eu me sinto renovado, pois tenho uma luz a me guiar: você... e ainda tenho o perfume das nossas Delicadas a inebriar esse instante de alegria, de prazer, de contemplação do Belo, do Perfeito, do Absoluto”, concluiu o velho agora jovem.

“Oi bambeepeople!”, berrou Petry ao praticamente destruir a porta do meu salão. “Peço desculpas por invadir o ninho dos pombinhos, mas não se esqueçam de que temos uma festa para ir essa noite, viuuuu!”, cantarolou o Super Bambee. “Velhote, a *senhora* está com uma cara ótima! Ai meu *jeová cristinho*... o que minhas flores não fazem pelas pessoas malucas aqui dessa ilhotaaaa”, encerrou Heitor, um pouco mais modesto como de costume.

“Precisamos de um banho e logo estaremos prontos para a festa *que não é surpresa*... da sua santa mãezinha, *lindinho*”, eu disse, tentando ser ouvido acima das gargalhadas únicas de Kauer ecoando no ambiente.

A madrugada engatou a primeira marcha e assim deixamos a casa dos Petry pouco depois das duas. Caminhando sem pressa pela praia de Gobsun, a mais famosa de Lovland, Kauer e eu arrastávamos os pés nas marolas, de mãos dadas, apreciando o azul prateado vindo dos céus, presente de uma lua grandiosa que abençoava nossa passagem.

“Até que a dona Petry não é assim... tão... rabugenta como vocês pregam”, disse Kauer, longe de saber toda a verdade.

“É porque, ao chegarmos, ela já estava bêbada”, retruquei, afirmando o essencial.

Foi uma noite tranquila, muito agradável, onde além dos presentes ganhos pela aniversariante, notamos que na verdade os quatro integrantes do jantar saíram presenteados, agraciados com um novo recomeço.

Dona Olga “Rabugenta” Petry ganhou um fascinante colar do filho, todo em ouro e pedras brancas que faiscavam beleza. Ganhou também a alegria e a companhia do filho tão idolatrado. Ganhou a chance de viver mais um ano após aparentemente vencer a batalha contra um tumor maligno encontrado no seio esquerdo.

Heitor Petry ganhou a alegria de compartilhar sua vida ao lado da mulher que ele mais amava. Ganhou a companhia do amigo de tantos e tantos anos. E agora acabara de ganhar mais um alguém que certamente faria a diferença tanto em sua vida, quanto no agito da sua querida floricultura, já que Kauer, durante o jantar, fora surpreendido com o anúncio de que ganhara um emprego.

Eu ganhei uma noite memorável, compartilhando minha existência junto com as pessoas que representavam o alicerce da minha trajetória, onde um quarto elemento fora adicionado de um jeito inusitado, confesso, tomando lugar do vazio aberto por Robertos, Pedros, Paulos, Carlos, Josés, Fábios, Cássios, Lucas, entre outros pintos e cérebros que deixaram suas marcas bem profundas nas entranhas do meu coração.

Meu coração, minha casa e minha vida abriam espaço para um desconhecido que mendigava apenas um resquício de atenção.

Sou um homem de sorte.

E Kauer, no final das contas, acabou ganhando um novo amigo, um possível amor, um certo companheiro, um emprego em boa hora, uma nova e real chance de se realizar...

... e tudo isso por causa de uma atitude espontânea, um desejo enorme de se fazer o bem, onde os ingredientes simples, exatos, práticos e abundantes estavam bem ao alcance das minhas mãos: uma pitada de vontade, duas colheres de sopa de coragem, trezentos gramas decisão, quatrocentos gramas de carinho e, claro...

... meia tonelada de desejo insano de ser e de fazer alguém feliz!

Mas justiça seja feita: se não fosse alguns gramas de Delicadas multicoloridas e cheirosas espetadas num vaziinho feito de lata de leite em pó, pintado de verde musgo...

## O AUTOR :: MOA SIPRIANO

Nasci no dia 13 de junho de 1968, em Jundiá, uma próspera cidade do interior de São Paulo. Minha mãe é uma guerreira. Tenho duas irmãs fantásticas, dois cunhados bacanas, três sobrinhas fofas, algumas primas idolatradas e uma tia que é fora-de-série. Ah, também tenho um pai... ausente.

Comecei a escrever roteiros, poesias, letras de músicas e outras *bobiças* aos 12 anos. Eu via anotando meus sonhos e minhas verdades em papéis soltos que foram se perdendo pelo caminho. Sempre escrevi histórias que de alguma maneira retratavam a homossexualidade masculina. Sou *assumido* desde sempre!



Em 1988, após uma experiência pessoal “abalante”, resolvi desabafar através de uma autoterapia forçada, escrevendo em uma madrugada **“Uma carta para Hans”**. Foi o primeiro conto.

Em 2004, ao criar a primeira versão do meu site oficial, fiquei totalmente surpreso com a polêmica, os comentários inflamados e a repercussão positiva junto aos leitores ao publicar meus primeiros artigos na Internet: **Deus x Gays, Afeminado? Tô fora e Você é Ativo ou Passivo**; além da série **Poltrona 47** (cinco contos que retratam as experiências sexuais de um rapaz dentro de um ônibus) e o conto **Filipe ou Treze homens e um destino** (história que retrata de uma maneira polêmica as atitudes de um rapaz que ao saber que pode estar contaminado com o vírus da AIDS, num momento de revolta e irresponsabilidade total resolve se vingar e transar com treze homens em um único dia).

Foi este incentivo que me levou a apostar no meu tipo de literatura. Desde então, nunca mais parei de escrever, procurando aprender e evoluir a cada dia como um excelente contador de histórias gays.

Em 2005, por causa do sucesso do conto Filipe, busquei inspiração para desenvolver o projeto **30 dias - Diário das experiências sexuais de Jäger**. A história de Jäger foi realmente escrita em tempo real, conforme as datas descritas no diário do personagem. Foi um desafio enorme escrever trinta capítulos em exatos trinta dias e postar um capítulo diário em meu site. E mesmo não tendo divulgado devidamente este projeto, a repercussão foi muito promissora.

2007 foi o ano em que me tornei um pioneiro na divulgação e distribuição no Brasil de livros digitais gratuitos contendo literatura gay de qualidade.

Em 2008–2009, após mais de 120 mil *downloads* de todos os meus títulos publicados via Internet, e também por causa do incentivo dos meus milhares de leitores é que continuo me esforçando na produção constante e divulgação permanente de uma literatura “gay” de excelente entretenimento.

**Moa Sipriano :)**